

A OCUPAÇÃO EPIPALEOLÍTICA DA PENHA VERDE (SINTRA)

João Luis CARDOSO (*)
O. da Veiga FERREIRA (**)

RESUMO

É debatida a atribuição cronológica da ocupação humana da Penha Verde (Sintra) anterior ao povoado calcolítico. Pela tipologia da indústria lítica os autores propõem uma cronologia do Epipaleolítico (de feição aziliense). No conjunto dos materiais estudados, os *grattoirs* unguiformes detêm 78,8%.

RÉSUMÉ

Il s'agit d'attribuer une chronologie à l'occupation humaine de Penha Verde (Sintra), antérieure à l'habitat chalcolithique. Grâce à typologie de l'industrie lithique, les auteurs proposent l'Epipaléolithique (de faciès azilien). Dans l'ensemble du matériel étudié, les *grattoirs* onguiformes représentent 78,8%.

(*) Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL. Quinta da Torre, 2825 Monte da Caparica. Colaborador permanente do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal.

(**) Colaborador do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da UNL.

INTRODUÇÃO

Em 1975, um de nós (O.V.F.), de colaboração com J. Roche, publicou, parcialmente, os resultados da terceira campanha de escavações realizada na Penha Verde (Sintra), jazida arqueológica já objecto de duas publicações anteriores (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, 1959).

Aquela campanha teve por principal objectivo a realização de corte estratigráfico, até ao substrato geológico; foi, deste modo, possível, a observação de camada arqueológica até então não identificada na jazida, subjacente à camada correspondente à ocupação calcolítica. Atendendo ao desenvolvimento em extensão daquela camada, foi admitido que ela representaria, localmente, um fundo de cabana, então atribuído ao Neolítico (ROCHE & FERREIRA, 1975). Os materiais arqueológicos, com excepção de pequeno osso indeterminável, eram constituídos, exclusivamente por uma indústria lítica, considerada “ingrat à etudier” (idem, ibidem, p.261). Contudo, salientam o seu grande interesse, visto ter sido encontrada “en place”, excluindo todas as possibilidades de remeximento, encontrando-se selada por uma camada arqueológica datada com precisão do Calcolítico.

Desde logo chamava a atenção a ausência de qualquer fragmento cerâmico; contudo, a hipótese de se tratar de indústria mais antiga - aziliense - teria sido rejeitada por J. Roche, devido à ausência de artefactos de osso, como os característicos arpões.

Porém, atendendo à tipologia dos materiais líticos, aquela cronologia não seria de rejeitar; desta forma, em estudo ulterior, aqueles foram incluídos no Aziliense, e o conjunto definido como “constituído em especial por pequenos raspadores típicos em forma de unha que caracterizam o Aziliense da jazida epónima em França” (FERREIRA & LEITÃO, 1981: 112). Deve referir-se que, já no trabalho dedicado à segunda campanha de escavações (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1959), se referia uma camada subjacente às construções calcolíticas, “contendo numerosos sílex com patina branca, muito mais antigos e pertencendo, possivelmente, ao Mesolítico ou ao Paleolítico superior”.

A revisão sistemática dos materiais recolhidos nas diversas campanhas de escavações realizadas na jazida, permitiu-nos reconhecer um conjunto de artefactos líticos recolhidos em 1958 - possivelmente os mesmos a que a transcrição acima apresentada faz menção - que jamais haviam sido objecto de estudo pormenorizado, o qual agora se concretiza.

CONDIÇÕES DE JAZIDA

Os materiais foram recolhidos no interior de uma muralha que se situava na parte mais alta do morro granítico onde o povoado se encontra implantado, cercado-o completamente, e “fechando os intervalos entre os vários penedos” (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1959). Assim, teriam sido recolhidos em local não muito distante da estrutura onde se integram, encontrando-se, na origem, embalados na matriz saibrosa que constitui o ligante da referida muralha. Dada a distância desta ao local de recolha de 1964, na base da elevação, pode concluir-se que a ocupação arqueológica que antecedeu a do Calcolítico não se limitou a uma simples cabana, apresentando-se, pelo contrário, mais extensa; tratar-se-ia, assim, de uma ocupação extensa, mesmo que temporária, correspondendo à encosta de morro granítico, donde se dominaria uma vasta extensão.

INVENTÁRIO

Os materiais agora estudados repartem-se pelos seguintes grupos:

1 - Utensilagem comum

- Uma raspadeira atípica (Est. 1, nº 2);
- Oito raspadeiras sobre lasca (Est. 1, nº 4, 7 e 8; Est. 2, nº 6, 8 e 9; Est. 3, nº 11 e 12);
- Uma raspadeira carenada (Est. 2, nº 5);
- Catorze raspadeiras unguiformes (Est. 3, nº 1 a 9 e 13 a 16; Est. 2, nº 7);
- Uma raspadeira unguiforme espessa (Est. 3, nº 10);
- Uma raspadeira dupla sobre lasca (Est. 3, nº 17);
- Um raspador simples convexo de dorso (Est. 1, nº 6);

- Um raspador duplo convexo e convergente (Est. 1, nº 5);
- Duas peças de lascamento bifacial (Est. 1, nº 1; Est. 2, nº 11);
- Um fragmento de raspador convexo (Est. 1, nº 3);
- Um denticulado com “entalhe” (Est. 2, nº 12);
- Uma lasca retocada (Est. 2, nº 2 e 10).

2 - Elementos de debitage

- Setenta e cinco lascas, esquírolas e resíduos do talhe;
- Três núcleos para lamelas (Est. 2, nº 1, 3 e 4).

A conclusão geral do estudo tipológico destes materiais é a de que se trata de uma indústria homogénea, caracterizada pela grande predominância de raspadeiras, sobretudo as pequenas raspadeiras unguiformes e sobre lasca, de tendência subcircular. As lamelas encontram-se representadas, embora indirectamente, por três pequenos núcleos. De assinalar, também, a ausência de geométricos e de pontas, a qual não se poderá atribuir a uma recolha selectiva do material; com efeito, caso existissem, certamente teriam aparecido na crivagem - realizada sistematicamente - além de que algumas das raspadeiras unguiformes são de dimensões análogas às dos grupos em falta. Acresce que a distribuição percentual do conjunto agora estudado é idêntica à do recolhido em 1964: também então se reconheceu o grupo das pequenas raspadeiras como dominante, exactamente com a mesma percentagem da agora determinada: 78,8%. Haverá, porém, que proceder a uma revisão destes materiais, visto o critério então seguido na sua classificação não se coadunar com as actuais tendências da tipologia.

De salientar a total ausência de lâminas ou lamelas de dorso abatido, também extensiva ao conjunto de 1964, ao contrário do indicado no respectivo trabalho (ROCHE & FERREIRA, 1975), as quais acompanham usualmente a restante utensilagem, nomeadamente as pequenas raspadeiras unguiformes, em contextos epipaleolíticos.

COMPARAÇÕES E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Em Portugal, não foi até ao presente encontrada nenhuma indústria comparável, com materiais estratigraficamente associados. O único elemento de comparação é a jazida da Ponta da Vigia (Torres Vedras), a qual, porém, difere desta por apresentar uma variedade muito maior de artefactos, não representados na Penha Verde, ou muito escassamente representados (ZILHÃO *et al.*, 1987).

Segundo E. Piette, o criador do termo Aziliense ao qual estes materiais foram reportados (FERREIRA & LEITÃO, 1981), tal indústria caracterizar-se-ia pela presença de “grattoirs arrondis, des instruments en forme de lame de canif finement taillés et de rares outils de type magdalénien”. Porém, a indústria lítica na sua totalidade não foi descrita em pormenor, impossibilitando uma maior precisão do termo. Uma síntese de M. Escalon de Fonton e H. de Lumley, considera o Aziliense definido pelos seguintes caracteres gerais “très nombreux grattoirs ronds, grattoirs unguiformes et pointes aziliennes (lames de canif), burins et grattoirs longs très rares” (ORLIAC, *in* LEROI-GOURHAN, 1988: 94). Sob esta designação, aqueles autores consideram três fácies regionais, o provençal, o pirenaico e o perigordiano e ainda o fácies de Vercours. Verifica-se, pois, que sob um mesmo termo, se agruparam indústrias “apparentement sans liens phylétiques directs avec l’Azilien typique” (*idem*, *ibidem*: 94). Dentro de tal quadro, o Aziliense de fácies pirenaico (ou cantábrico) seria caracterizado pela presença de arpões planos em armação de veado, de tradição magdalenense.

A ausência de materiais ósseos na Penha Verde e, nomeadamente de arpões, não pode ser utilizada como argumento decisivo para a exclusão desta indústria do Aziliense. Dada a natureza ácida dos terrenos graníticos, tais materiais poderiam, naturalmente, ter desaparecido (a presença de ossos em níveis calcolíticos explica-se pela saturação dos solos em matéria orgânica de origem animal, favorável à conservação daqueles restos, além de serem mais recentes). Maior importância terá a ausência de lâminas e lamelas, com ou sem dorso.

Na região cantábrica, as indústrias azilienses e post-azilienses de Zatoya possuem raspadeiras idênticas às da Penha Verde, porém associadas a pequenas lamelas e pontas de dorso (BARANDIARAN, 1977); situação idêntica se

verifica nas Astúrias em Los Azules (FERNANDEZ-TRESGUERRES, 1977) e, de um modo geral, nas jazidas epipaleolíticas europeias, onde a presença de lamelas e pontas de dorso é quase sempre uma constante.

Dever-se-á então considerar a indústria recolhida na Penha Verde como Aziliense? À luz do que atrás se expôs, parece mais adequado a designação, mais genérica, de epipaleolítica, sem excluir, porém, a hipótese de nos encontrarmos perante um tipo de associação até agora ainda não reconhecido. Tal associação, seria caracterizada por elevada percentagem de raspadeiras, de tipologia aziliense, e pela extrema pobreza de materiais lamelares, detectável não apenas neste conjunto, mas também no estudado anteriormente (ROCHE & FERREIRA, 1975).

CONCLUSÕES

1 - Estudaram-se os materiais líticos recolhidos na segunda campanha de escavações realizada em 1958 na Penha Verde (Sintra), provenientes do interior da muralha que coroa o topo do morro onde se encontra implantado o povoado calcolítico. Encontrar-se-iam embalados no saibro, utilizado como material ligante daquela estrutura, sendo, por conseguinte, mais antigos do que ela.

2 - A tipologia deste conjunto é idêntica à de um outro, encontrado estratigrafado por debaixo da ocupação calcolítica no decurso da última campanha de escavações (1964) e já publicado (ROCHE & FERREIRA, 1975), tendo então sido atribuído ao Neolítico.

3 - A cronologia proposta para aquele - neolítica - é contrariada pela tipologia da indústria lítica, bem como pela ausência de cerâmica. Também parece desadequada a utilização do termo Aziliense; embora a grande maioria das peças se integre no conjunto destas indústrias (raspadeiras unguiformes sobre lasca, de tendência subcircular) faltam elementos que impedem a plena aplicação do termo (lamelas e pontas de dorso abatido).

4 - A análise dos materiais anteriormente publicados, conjuntamente com a do presente conjunto, leva a excluir a hipótese de se ter procedido a recolha

selectiva do material. Trata-se de um conjunto homogéneo, e de origem estratigráfica bem definida, particularmente o anteriormente publicado. Aceitando a representatividade da amostragem disponível, estar-se ia perante uma indústria epipaleolítica, caracterizada pela predominância de pequenas raspadeiras, de diversos tipos, e pela quase ausência de materias lamelares, embora a sua presença, mesmo que ténue, seja atestada por escassos núcleos.

5 - É a primeira vez que conjunto com tais características é reconhecido em território português. No caso em questão, tratar-se-ia de uma ocupação temporária, embora extensa, que teria escolhido o morro da Penha Verde pelas excelentes condições de visibilidade por este oferecidas.

BIBLIOGRAFIA

BARANDIARAN, I. (1979) - "Azilien et post-Azilien dans le Pays Basque méridional". Coll. Int. CNRS, 271 - *La fin des temps glaciaires en Europe*: 721-732.

FERNANDEZ-TRESGUERRES VELASCO, J. A. (1979) - "L'Azilien de la grotte de Los Azules, Asturias (Espagne)". Coll. Int. CNRS, 271 - *La fin des temps glaciaires en Europe*: 745-752.

FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO, M. (1981) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Europa-América, 265 p.

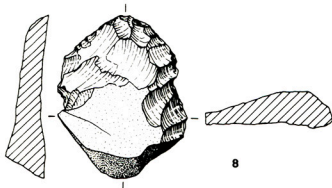
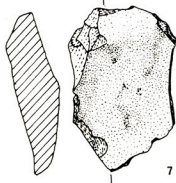
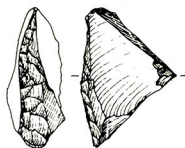
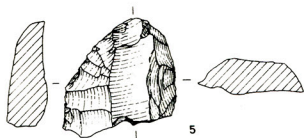
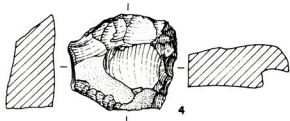
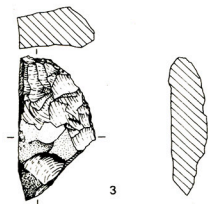
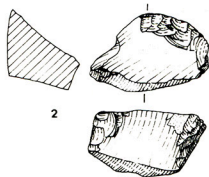
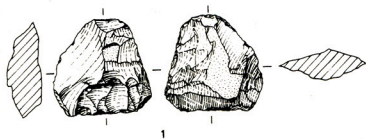
ORLIAC, M. (1988) - "Azilien". In *Dictionnaire de la Préhistoire*, dir. A. LEROI-GOURHAN. Presses Universitaire de France: 93-94.

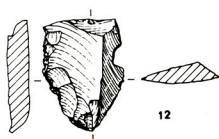
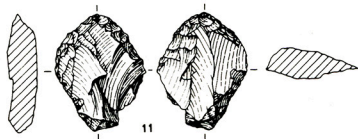
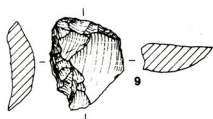
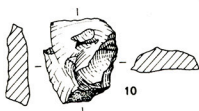
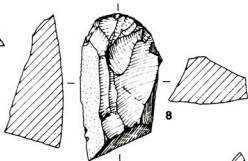
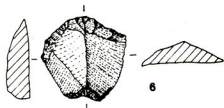
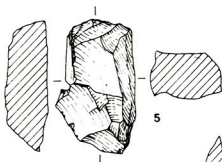
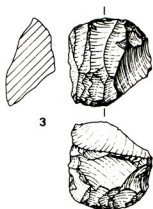
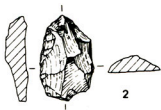
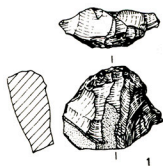
ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1975) - "La station de Penha Verde (Sintra)". *Comunc. Serv. Geol. Port.*, 59: 253-263.

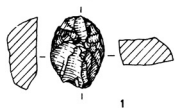
ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1958) - "Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra)". *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39: 37-57.

ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1959) - "Segunda campanha de escavações na Penha Verde". *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia (Lisboa, 1958)*, 1: 401-406.

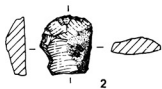
ZILHÃO, J.; CARVALHO, E. & ARAÚJO, A. C. (1987) - "A estação epipaleolítica da Ponta da Vigia (Torres Vedras)". *Arqueologia*, 16: 8-18.







1



2



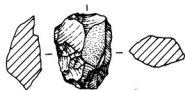
3



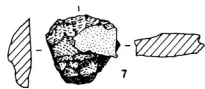
4



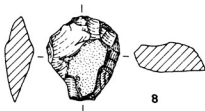
5



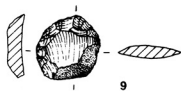
6



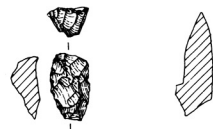
7



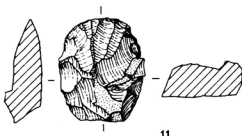
8



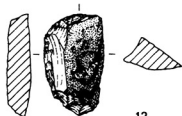
9



10



11



12



13



14

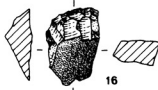


0

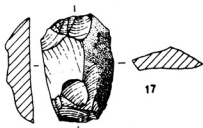
3 cm



15



16



17